



UMA GRANDE CANTORA EM S. CARLOS: O SOPRANO ROSINA STORCHIO

N.º 28 Lisboa, 15 de Fevereiro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800 réis—Semestre, 2\$500 réis
Trimestre, 1\$200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redação, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

SOCIEDADE FABRICANTE



DE **Discos**

ACABA de ser posto á venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: ALMA DE DIOS, SO-NHO DE VALSA e outros de double face ao preço de 1800 réis cada disco grande. Discos de outras mar-cas, muito bons de double face, grandes, a 750 réis. Ninguém os tem mais bem

Impressos, nem mais baratos. Pedidos á CASA SIMPLEX, BICYCLET-ES, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 23-B e Rua de Santo Antão, 32 e 34, quer para venda avulso como para revender.



Meio seculo de successo
ESTOMAGO
O Elixir do Dr Mialhe
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente
GASTRALGIAS, DYSPESIAS.
A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brasil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

PARA ENCADERNAR A
Ilustração Portuguesa

Já está á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **segundo semestre de 1907** da «Ilustração Portuguesa» Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia p'ode ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registrada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicios respectivos. LITSA
ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»

Stilli-Flore



Perfume d'uma
concentração até hoje
desconhecida.

Basta uma gotta
para se perfumar.

MODOS D'EMPREGO:
Desaparafusar a tampa
e exercer uma ligeira
pressão na extremidade
do Stilli-Flore.

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON



NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, B^e des Italiens, PARIS
PRINCIA

XAROPE FAMEL

CURA
INFALLIVEMENTE
BRONCHITES
MESSE CHRONICAS
TOSSES
ASTHMA
PREÇO 800 REIS FVCO

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL
15, RUA dos SAPATEIROS — LISBOA
FRANCO DE PORTO COMPRANDO DOIS FRASCOS

COMPANHIA DO
Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000 00
Obrigações.....	323.910 00
Fundos de reserva e de amortização.....	265.400 00
Reis....	950.310 00

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Pra'o, Marianaia e Solorinho (Thumar), Penedo e Casal de Bemio (Louza), Valle Maior (Albergaria Velha). Instaladas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacao especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRIPTORIOS E DEPOSITOS
LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonic Lisboa, 603—Porto, 417.

COKE INGLEZ

PARA COZINHA. O mais economico. Rua da Conceição, 17, 2.^o Telephone 1738.

PRISÃO DE VENTRE

O único remedio prescripto por todos os medicos para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias* é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas de tarde ao jantar).
Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

PARIS · DEBAIXO · DE · AGUA ·



Volto para casa ás 5 horas, depois de ter visitado os pontos principais do Paris inundado. O porteiro diz-me, apavorado, quasi a tremer:

- Já cá o temos nos subterraneos!
- O quê?
- O Sena!

E, ao dizer-me isso, tragicamente, elle apparece-me ao espirito como talvez o pae d'elle apparecesse ao espirito dos inquilinos de 70, nos dias tragicos do cerco de Paris, ao annunciar-lhes a approximação do inimigo.

O inimigo agora é o Sena! O inimigo é esse riosinho parisiense, cantado pelos maiores escriptores do mundo, inofensivo namorador das agulhas de Notre-Dame e do zimborio dos Invalidos, confidente das mais pittorescas figuras da Historia e das mais ignoradas *midinettes* dos boulevards!

Ha oito dias que elle se lança sobre Paris como se em vez do pacifico marulho das suas aguas o guiasse o gurgureo clarim dos prussianos! Primeiro limitou-se a alagar



1—Caes de La Rappée. 2—A rua de Lille transformada em canal.
3—Como se transitou na ultima semana de dezembro nas ruas de Paris.
(Cliché DELIUS)

os arredores e a subir dôcemente pelos caes inferiores, que a imprevidencia construiu ao longo das suas margens parisienses como que a abusar da sua lhaneza.

Pouco a pouco esses caes foram inundados, e as arvores que os ornãm, agora esqueleticas, foram envolvidas n'uma toalha de agua, ficando a acenar como naufragos, na gesticulaçãõ contorcida dos seus troncos, aos milhares de parisienses que se iam debruçar das pontes e dos caes superiores para assistirem risonhos a esse espectáculo novo e propicio á *blague*...

Mas isso não era senão um



começo. O rio subia sempre; em seguida aos caes inferiores foram-se submergindo os pilares das pontes grandiosas de Saint-Michel, Trocadero, Grenelle, Alma, Royal, Austerlitz, Alexandre III, os arcos iam desaparecendo: as figuras que as ornavam mergulhando; e as enormes barcaças que pejam o rio iam-se elevando como por encanto, a ponto de hontem, ao pôr do sol, se vêrem ao mesmo nível automoveis, autobus, fiacres, batelões



1--O «Vert Galant» no «Pont-Neuf». 2--O Sena visto da ponte de Austerlitz
3--Como os diplomatas vão ao ministério dos Negocios Estrangeiros.
(Cliché BRANGHE)



e barcas de banhos, na mais amphibia promiscuidade!

Então começou a correr Paris, este Paris *blagueur* e alegre, desprendido e futil, um safanão de pavor e de reccio. Não havia duvida, estava-se em frente de uma verdadeira invasão, e imagino que desde a guerra com a Alemanha nunca se tinha visto aqui uma tão tremenda azafama de defeza,



uma tão aterradora atmosfera de medo!

A invasão era completa, parecia obedecer a uma tactica em forma, dava-se a descobrir e á socapa, ao ar livre e por debaixo da terra. O Sena alastrava e infiltrava-se, sem descanso, sem cansaço, inundando as mais elegantes avenidas, insinuando-se nas mais reconditas caves, atacando em pequeninas ondas os passeios aristocraticos de



1—Como se transitava na rua «Du Bac»—(Cliché ERANGER)
O aviador Lesseps e a baroneza Delagrangre atravessando em barco a avenida Montaigne
(Cliché WORLD'S GRAPHIC PRESS)

Cours la Reine e dos Campos Elyseos; esgueirando-se, pingo a pingo, nos subterraneos das riquissimas habitações das

Avenidas de Antin e de Montaigne; entrando como um conquistador nas largas portas bronzadas da Rue de Lille e nas miseraveis *guinguettes* de la Rapée; assenhoreando-se com a mesma calma feroz dos alicerces do Grand-Palais, das gares do Quai d'Orsay e Invalidos, dos archivos do Ministerio dos Estrangeiros, das salas alegres do Doyen e do Jardin de Paris; asoberbando-se dos tunneis do caminho de ferro metropolitano e parando-o, dos canos de esgoto e rebentando-os, dos tubos pneumaticos e damnificando-os, dos fios telegraphicos e partindo-os, das installações dos caloriferos e apagando-os! Apoderando-se emfim da mais artistica e historica cidade do mundo e mostrando-lhe como um fiosinho de agua, guiado por mão mysteriosa, pôde amortallar, corroer, morder, envenenar e dar cabo de tudo quanto, n'uns poucos de seculos, a intelligencia humana cui-

grena, a agua vae reduzindo Paris á impotencia, vae-a de-finhando, vae-a empurrando para traz no tempo e no es-paço.

Quer-se circular? A agua inundou o metropolitano, a agua inundou a usine dos tramways, a agua inundou as gares! A agua, correndo em certas ruas e brotando do chão n'outras, cortou as communicações. Desappareceram todos os meios de circulação modernos e reapareceu o velho omnibus dos nossos avós...

Quer-se telegraphar, telephonar, escrever? A todo o momento nos chega a noticia de as aguas terem interrompido correios, telegraphos, telephones, pneumaticos, ficando apenas a antiga mala-posta dos nossos avós...

Quer-se comer? Os restaurantes celebres fecharam as suas portas. Que tristeza, que desolação em pleno coração de Paris! Acabo de atravessar as grandes arterias. E' noite. Um vento de ciume faz tremer as arvores, uma chuva tristonha açoita os vidros da carruagem.



Os Campos Elyseos debaixo d'agua.—(Chiché BRANGER)

dára ter symbolisado, para todo o sempre, n'esta joia de arte que se chama Paris!

Estranha visão a minha, ha bocado, ao vêr, de cima de uma ilha de areia que ainda restava em frente do Grand-Palais, o espectáculo impressionante da invasão de Paris pelas aguas! De mansinho ellas vinham até aos meus pés em ondulações bucolicas; de mansinho iam lá por baixo minando o solo e ameaçando arruinar os mais bellos edificios da cidade; e eu via-as até lá ao longe, muito longe, infiltrando-se, de mansinho, descerem á crypta onde repousa Napoleão, e não respeitarem sequer as cinzas do homem que fizera tremer a Europa!

Não se calcula effectivamente a impressão de força mysteriosa, de tremendo poderio mágico, que parece irradiar d'esta inundação n'uma cidade como Paris, que parecia desafiar os elementos.

Sem barulho, como uma gan-

E' a hora do Paris esturdio, do Paris de Montmartre, em que a multidão costuma sahir dos theatros e entrar nos restaurantes, horas de amor e de bohemia, de ostras e de tziganos. Que é feito de tudo isso? Nos boulevards tujo fechado! Patrulhas de cavallaria guardam os sitios perigosos em que o terreno ameaça abater; montam-se á pressa engenhos de esgoto, tubos, machinas, locomoveis; passam figuras sinistras, de bombeiros, de pontoneiros, de lanternas na mão! E por toda a parte, vindo das viellas, sahindo do solo, cahindo dos telhados, agua, agua! O Sena! O inimigo!

Passo á Magdalena, quero atravessar a Rue Royale. Impossivel! Procuvo a luz convidativa, furta-côres, dos restaurantes da moda. O Durand fechado, o Lucus, o Larué, o Maxim, fechados! Na embocadura das ruas, de capas de boi-racha, dirigem a construcção de



barricadas de areia, pedra e tecido impermeavel, levantadas para impedir que o inimigo avance! Ponho o ouvido á escuta. á espera dos accordes da orchestra do Viel ou do Café de Paris, das cas-

quinadas do Maxim, da voz dos *chasseurs* noctivagos do Jockey ou do Automobile chamando os automoveis dos socios... Nada!... Por toda a parte agua, agua! Elle, o Sena, o inimigo, substituiu-se aos bohemios, aos camelots, ás cocottes! E' elle quem governa, quem entra nos cafés, quem se alastra pelos tapetes, quem canta, quem dança, quem se embedda! Paris é d'elle! E enquanto por dentro dos vidros, sinistramente, os parisienses espreitam, sem saber se de um momento para outro as suas ruas e as suas casas abaterão; enquanto alguns abandonam á pressa, com raros haveres ás costas,

os seus *foyers*; enquanto outros ficam bloqueados, outros fogem em botes, outros levantam barricadas como nos tempos da Revolução, elle, o Sena, estende-se, alastra-se, sem desalentos, sem caridade, chegando já aos bairros afastados, aproveitando-se dos menores declives para expandir-se e das mais estreitas fendas do terreno para infiltrar-se!

Escrevo-lhes de madrugada, á luz de uma vela—a electricidade deixou de funcionar,—embrulhado n'uma peçõa—o calo ífero apagou-se,—sem saber se esta carta lá chegará—a gare do



Quai d'Orsay desapareceu debaixo de agua—e sem saber o que nos trará o dia de amanhã—o nosso bairro de St. Philippe du Roule começa a inundar-se por todos os lados!

Um vento de tragedia uiva na chaminé do meu quarto! Vem da rua um ruído surdo, pesado, de carro cellular que passa. Ouvem-se ao longe gritos confusos, vozes de commando. Fecho os olhos para me convencer de que estou *em Paris!*... Mas em que Paris estarei eu? Aquelle ruído que vem da rua... aquellas vozes de commando... aquella atmosphera de crime... Estarei eu ao Paris da Communa?... Será aquillo o carro dos condemnados que passa a caminho da guilhotina?... Abro a janella... Debruço-me... Espreito...

Do escuro da noite sôb'm duas vozes alegres até mim. Uma é de homem e diz assim:

—*Savez-vous si le tramway du Trocadero marche encore, madame?*

A outra é de mulher, e responde:

—*Non, monsieur. Il n'y a qu'une chose que marche encore à Paris.*

—*Quoi donc?*

—*Les petites femmes...*

ANTONIO BANDEIRA.



1—A rua de Lille no caos d'Orsay. (Cliché DELIUS)
2—O presidente da Republica e o prefeito Lépine visitando as ruas de Paris inundadas

A VIUVA ALEGRE EM LISBOA



Viúva Alegre, a celebre peça de Franz Lehar, que deu a volta ao mundo no meio dos mais estrondosos applausos, obteve em Lisboa a maior das consagra-

as mesmas manifestações de agrado, para o que concorre com a belleza da musica a gentileza das interpretes escolhidas para o papel da adoravel protagonista.



- 1—Cremilda d'Oliveira, a *Viúva Alegre* do Avenida
- 2—Mercedes Mello, a *Viúva Alegre* do Casino Etoile
- 3—Carmen Toschi, a *Viúva Alegre* de S. Carlos
- 4—Dora Theor, a *Viúva Alegre* do Colyseu dos Recreios
- 5—Etelvina Serra, a *Viúva Alegre* do Trindade

ções. Representou-se em cinco theatros ao mesmo tempo, desde S. Carlos, que a levou em recitas de Carnaval, até ao modesto theatro Etoile, tendo recebido dos diversos publicos d'essas casas de espectáculos

A RECITA DE AMADORES NO THEATRO D. MARIA



M. M. Calvet de Magalhães Cardoso



L'Innocence (Quêdro de Greuze, da collecção Wallace)

A sociedade elegante tem a tradição das recitas d'amadores, nas quaes surgem por vezes vocações tão definidas que é pena vê-las perderem-se, que se lamenta só raramente analysal-as na scena, ao mesmo tempo que se abençoa a sua obra, geralmente aos pobres dedicada.

Desde o tempo galante do conde de Farrobo, do lindo theatrinho Thalia, onde as grandes damas, guiadas pelo mestre da arte e do gosto, representavam, até ás ultimas recitas mundanas, uma admiravel dynastia de actores e de actrizes do mundo elegante se tem mostrado, fazendo d'aquelles curtos instantes em que nos apparecem nos seus ricos trajes de scena uma diversão, mas tendo sempre como um alto fim a caridade.

Na hora em que o actor começou a ser recebido no grande mundo, quando appareceu nas festas, a alta sociedade ennobreceu a arte dramatica, tomando parte nas recitas, caprichando em interpretar os papeis das lindas comedias de salão com um inexcêdível gosto e com uma arte que se affirma nos menores detalhes.

Mais tarde, ao desaparecerem os theatrinhos dos palacios e casas fidalgas, procurou-se nos palcos publicos, em representações dedicadas á sociedade elegante, esse prazer de representar, e por vezes com um talento, que nos encanta, como succedeu na ultima recita de amadores realisada quinta-feira, 3 de fevereiro, no theatro D. Maria.



Uma scena do «Guinguere», de Theodore de Banville
Guinguere, sr. João de Lima Mayer; Laysé, sr.ª D. Guilhermina de Vasconcellos; Luiz XI, sr. José de Castro Guimarães; Olivier le Dain, sr. dr. Armando Cancellá; Nicole Andry, sr.ª D. Beatriz Ardusson Consiglieri Peirão; Simon Fournier, sr. Robert de Raymond.



Scena do *Griegois*, de Theodore de Banville, representado na noite de 3 de fevereiro no theatro D. Maria II
 LHEZ XI, sr. José de Castro Guimarães—Nicole, sr.^a D. Beatriz Consiglieri Pedrosa—*Griegois*, sr. João Lima Mayer—*Olivier le Dain*, sr. dr. Armando Cancellia
 —Simon, sr. Robert de Raymond—*Lovse*, sr.^a D. Guilbermina de Vasconcellos
 (Clichés de BENOJLÉL)



Os interpretes da revista de amadores: (Da esquerda para a direita) sr.ª D. Maria Canavarro, D. Guilhermina de Vasconcellos, D. Amelia de Castro, D. Maria José Calvet de Magalhães Cardoso, D. Sarah Belfort, D. Maria do Carmo Calvet de Magalhães Cardoso, D. Carolina Motta Marques, D. Luiza Bordaño Pinheiro. De pé: sr. Augusto Fina, dr. Armando Cancellia, actor Augusto de Mello, D. Beatriz Consiglieri Pedroso Ardisson Ferreira, João de Lima Mayer, Manoel Gustavo, M.ª Eça Leal, José de Castro Guimarães, dr. Ardisson Ferreira, Eça Leal, Santos Tavares, Robert de Raymond.

(Fotographia tirada no Café Martinho, antes da ceia. (Clichê de BRUNOLINI).)



1—M.^{de} Sarah Bellford, reprodução do retrato de Mrs. Siddons.
 2—Retrato de Mrs. Siddons, por Thomaz Gainsborough, quadro da *National Gallery*, de Londres.
 3—Retrato de Lady Mary Therese, por Lawrence.
 Quadro da collecção Wallace.
 4—M.^{de} Motta Marques, reprodução do retrato de Lady Mary Therese.

Santos Tavares acompanhou dos mais lindos versos.



Constituíam o espectáculo a representação das comédias *Uma Aposta* e *Uma Visita*, do *Gringoire*, de Theodore de Banville, e as reproduções de alguns retratos celebres de Greuze, Gainsborough, Lawrence, David, Reynolds e Faivre, que o sr.





- 1—M.^{de} J. Calvet de Magalhães Cardoso, reprodução de *La Cruche Cassée*.
- 2—*La Cruche Cassée*, quadro de Greuze, da collecção do Louvre.
- 3—Retrato de M.^{de} Seriziat, quadro de David, da collecção do Louvre.
- 4—M.^{de} M. C. Bordallo Pinheiro, reprodução do retrato de M.^{de} Seriziat.

tido e de vêr o seu nome no *Diario Illustrado*. Mas d'esta vez o dinheiro não pagou apenas a satisfa.



Chegaria tarde a *Illustração Portuguesa* para descrever o espiritual encanto d'esta noite de arte, que reuniu na sala de D. Maria todo esse publico fiel das recitas de caridade, que nunca regateou a sua esmola quando em troca d'ella lhe promettem o ensejo propicio de estrear um ves-





mais illustres fidalgas da sociedade lisboeta, marca mesmo o inicio das recitas de caridade.

Registrando nas suas paginas, acompanhada de alguns valiosos documentos photographicos, o exito da recita de 3 de fevereiro, em que tanto se distinguiram as ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria de Eça Leal na comedia de Daniel Riche, «Uma visita», D. Beatriz Ardisson Consiglieri Pedroso na *Nicole Audry* do «Gringoire» e na comedia «Uma apostas», e D. Guilhermina de Vasconcellos na *Loyse* da obra prima de Banville, e os srs. João de Lima Mayer, representando como um actor consumado o *Pierre Gringoire*. José de Castro Guimarães fazendo o *Luiz XI* e a comedia espirituosa de Daniel Riche, o dr. Armando Cancela desempenhando o *Olivier le Dain* de «Gringoire» e dando a replica em «Uma apostas» á ex.^{ma} sr.^a D. Beatriz Ardisson Consiglieri Pedroso, e o sr. Robert de Raymond representando o papel de *Simon Fournier* do acto de Banville, esta revista junta os seus applausos tardios aos que saudaram n'essa noite de arte os distinctissimos amadores, não esquecendo Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro e Augusto Pina, que tanto contribuíram para o successo do numero encantador dos *Quadros Vivos*.

ção de uma vaidade. Foi antes a retribuição modesta de um espectáculo de rara belleza, que um futuro historiador da vida mundana da Lisboa contemporanea não deixará de mencionar com especiaes referencias entre a serie consideravel das recitas de amadores, que principiam nos theatros dos condes de Carvalho e de Farrobo e proseguem, sob a influencia de Garrett, dos Palhas, dos Mendes Leal e das Kruzes, até ao renascimento provocado pela recita celebre de 1887, promovida pelo duque de Palmella e o marquez de Pomares, em beneficio do cofre dos inundados, e na qual se representaram *A Fada*, de Octavio Feuillet, traduzida por Rebello da Silva, e o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett.

Essa recita famosa, em que representaram os marquezes de Pomares e de Bellas, o barão da Regaleira e algumas das



1—M.^{ma} M. Eça Leal em *La Femme à l'eventail* de Abel Faivre.
2—M.^{ma} Amella de Castro, na *Robnette*, de Reynolds.
(Clichsé VASQUEZ)

COMO SE DESTE UMA PEÇA DE THEATRO.

A eminente actriz Lucinda Simões, com o seu artigo publicado no *Supplemento do Seculo*, de 13 de janeiro, veiu suggerir-nos esta chronica, a qual, de resto, de ha muito se nos impunha por termos visto tratado em todos os jornaes e revistas tudo quanto diz respeito a theatro, tendo todos os illustres escriptores desprezado este assumpto por falho de valor, quando elle faz justamente



parte integrante dos mil e um nadas que compõem a engrenagem theatral.

Mãos, pois, á obra e façamos o possivel por ser claros e imparciaes.

O leitor já conhece, certamente, tudo quanto soffre uma peça, seja de que genero fôr, desde que é accete pela empreza theatral, até á noite da sua primeira representação, isto é: os ensaios de leitura, de marcação, de apuro e finalmente o ensaio geral.

O que, porém, o leitor desconhece é a maneira por que essas peças se apresentam em publico no tocante a vestuario. E' isso o que lhe vamos revelar.

Vou, pois, referir-me a peças de guarda-roupa, isto é: historicas, revistas, ou sejam de grande spectaculo, pois que dramas, comedias ou farças não tem taes exigencias, sendo vestidas á custa do artista nos seus respectivos alfaia-tes ou modistas.

Um dos guarda-roupas que na nossa terra mais se occupa de theatro é o do sr. Castello Branco, do Soccorro, e por isso a elle nos dirigimos, para tomar-mos as nossas notas.

Guarda-roupas ha ahí por todos os cantos, porém alguns dedicam-se exclusivamente ao aluguer de fatos para carnaval, tendo fraccassado todos aquelles que depois do velho Cohen se metteram em cavallarias tão altas. Vamos, pois, por ordem.

Primeiro o roteiro que consiste na nota recebi-

1—Cosendo um traje de theatro.
2—O traje de Angéa
Pinto no *Kei Lear*—Cliché de CARDOSO & CORREIA)

da pelo *costumier* das mãos do ensaiador, contendo a relação dos fatos a confeccionar, da época em que decorre a acção da peça, ou do capricho de quem faz os figurinos desde que se trata de revista ou magica.

Se a peça obedece a determinada época, ou moda,



de nada vale a inventiva, pois o *costumier* tem que recorrer a livros que o elucidem, para não cair em erro. Sempre é preciso saber um pouquinho de historia...

Uma vez de posse do roteiro e de ter assistido a um ensaio, ali sentado ao lado do ensaiador, começa para o pobre *costumier* a faina da confecção dos inumeros fatos, para o que leva grave responsabilidade. E como é assaz interessante, mostramos ao leitor todo esse trabalho.

Uma vez entrados, soffremos a sensação inexprimivel da alluviaõ de côres, de fatos desde a seda e velludos da melhor qualidade até ao algodão mais ordinario, n'uma amalgama indescritivel. Ali temos salas diversas onde as fazendas soffrem tambem diversas transformações nas mãos de muitas e habeis costureiras, que cortam, alinhavam, cosem, provam e acabam um traje antigo ou um fato de época actual com mais facilidade que nós fazemos estas mal alinhavadas liuhãs. E isto tudo sob a habil direcção do *costumier*, que corta, ajusta, dirige a prova e assiste a esse labyrinth, quando lhe dá os ultimos toques, na noite do ensaio geral, em que, tambem geralmente, tem muita emenda a fazer e muita exigencia a attender. De resto, os fatos de guarda-roupa tanto podem servir a um gigante como a um pygmeu, permita-se-nos o exagero, pois é esse o segredo do *costumier*, que eu, vivendo no meio scenico,



1—No guarda-roupa; ao terminar os fatos
2—Angela Pinto, no *Serão das Laranjeiras*
(Cliché de CARDOSO & CORRÊA)

Nunca consegui desvendar. O *costumier*, tem um grande auxiliar ao qual recorre sempre que se trata de vestir peças a rigor: o Hottenroth, livro onde vae buscar tudo que diz respeito ao *mélier* e que tem de compulsar cuidadosamente. O roteiro é feito pouco a pouco, quadro por quadro, artista por artista, e o pobre *costumier* vê-se sempre em situação embaraçosa, pois que aqui não tem, como em França, museus onde vá copiar ou buscar idéas, mas quasi sempre deve confiar-se á sua inventiva.

O *Cyrano de Bergerac*, por exemplo, foi magnificamente vestido, e assim, apoz o *Cyrano*,



outras peças, devendo citar-se *A Hospedeira*, *Frei Luiz de Sousa*, *Afonso d'Albuquerque*, *Tartufo*, *Hamlet*, *Leonor Telles*, *Judas*, *Serão nas Laranjeiras*, *Suaze Milagre*, *Beijos por Lagrimas*, *Auto d'El-rei Seleuco*, *Amor de Perdição*, *Avarento*, *Velhos*, etc., etc.

Estamos, pois, nos *ateliers*, e, como o leitor verá pelas gravuras que acompanham esta chronica, estamos n'um labyrintho em recinto, talvez, acanhado.

Aqui são prateleiras apinhadas de roupas, mais além vitrines repletas de gibões, gabanelas, roupões, enfim, uma infinidade de roupagens que vestiria um exercito e que representa uma fortuna.

Ali, áquelle, canto, no outro, por todos os lados, enfim, mezas carregadas de rouparia de varias côres; por todos os lados costureiras, mestras e aprendizas, cavaqueando amavelmente, quasi sempre em coisas de theatro, o que muito as interessa... mas nunca parando de coser, coser sempre, das 8 da manhã, quantas vezes até alta noite! Ainda acolá outra meza, esta maior que as outras, abarrotando de fazendas, que só esperam a hora em que o *mestre* as corte, para logo passarem ás mão das ajudantes, que as alinhavam, etc.

N'um gabinete contiguo ha mezas vergando sob o peso de illustrações, livros de theatro nacionaes e estrangeiros, e photographias, que tambem ornãm as paredes, de tudo quanto foi e é artista, corista, figurante ou gente de theatro, exhibindo em diversas peças antigas e da actualidade os fatos ali confeccionados e que representam recordações.

Trajes que tem sido envergados por grandes artistas estão ao lado dos que servem á figuração, tudo isso n'uma nota bizarra de vestes de todas as epochas e de todas as côres, em sedas, em velludos, em damasco, fatos de todas as epochas e de todas as classes sociaes, n'uma amalgama curiosa. São as sombrias sotainas ecclesiasticas e as



1—As costureiras. 2—Brazão na peça *Afonso d'Albuquerque* (Phot. VASQUEZ)

lantejoulantes capas de rainhas de magica; os exaggerados gorros de escudeiros comicos com os chapéus rigorosamente historicos das personagens das grandes peças, os abracadabran-tes cones dos astrologos e os gentis toucados das castellas, toda uma serie continua e extranha de contrastes, que obriga a deter a vista, passando uma rapida revista nos tempos.

E' o que se vê n'esses grandes armazens onde ao começo se julga tudo confuso, mas que dentro em pouco se sente organi-sado, facil de mexer, verdadeiramente catalogado. E enquanto se guarda tudo isto, se amontoam essas vestes de côres tão va-riadas e de feitios tão diferentes, vão-se sempre fabricando mais, á medida que os roteiros chegam imperiosos e apressados.

Sob os deditos ageis das costureiras pas-sam e repassam as sedas de tons macios e os velludos fortes, as côres mais variegadas e as mais extranhas fazendas que o mestre vigia atten-tamente, não vá errar-se um detalhe, tornar-se in-compativel com a peça o fato que o protagonista terá que vestir. Mas quando se trata de phantasia, quando se pôde tallar á larga, então succedem-se os retalhos, surgem as coisas mais mirabolantes, os enfeites mais vistosos, e os fatos que, assim, á luz do dia, parecem desagradaveis, serão depois, na rutilação da scena, lindos, sobressaindo em toda a sua bizzarria, em toda a sua belleza, como se fôsem tambem arranjados n'esse proposito como uma sceno-graphia. Depois tudo isto ali fica e vae servindo em varias peças com mais ou menos modificações, porque o guarda-roupa alugado é tristemente uma verdade! O nosso guarda-roupa é—salvo raras excepções—alugado. Porém, quem tem a culpa d'isso?! Estamos plenamente convencidos que não é o *costumier*, porquanto este preferiria certamente vender uma peça—ainda que com pouco lucro—a sujeitar-se aos contras do aluguer, que lhe deteriora as roupas, que depois veem a soffrer tratos de polé para serem reformadas e apropriadas a outras peças de menor responsabi-lidade. E a prova está que o *costumier*, alugando ás vezes 200 a 300 fatos pela modica quantia de dez até vinte mil réis, quando muito, por noute, e ficando sujeito a vêr tanto di-nheiro empregado e todo o seu trabalho inutilizados pelo insuccesso da peça, não hesitaria em vender—(se lh'o comprassem e pagassem)—attendendo a que o capital empatado nunca é inferior a 1.200\$000 até 1.500\$000, tornando-se necessario um grande successo—dos authenticos—isto é de pelo menos cem representações—para o indemnisar do empa-te, e como se sabe, no nosso meio, contam-se em limitadissimo numero as peças que atin-jam essa serie de representações, e assim mesmo, até hoje, só se



Brazão no Judas (Chichê VASQUES)

tem dado esse facto em revistas do anno! "Pobre *costumier*! Ai d'elle se não fôsem as peças de menor responsabilidade, em que pôde ir aproveitando d'aqui, tirando d'ali, para salvar prejuizos!...

E em quinze dias tem que estudar a epoca, as personagens, adquirir fazen-das, escolher côres, preparar e distribuir serviço, cortar, provar, até que chegue a noite do ensaio geral em que—sem duvida—sempre falta muita cousa. E aqui tem o leitor como o *costumier* fórma a parte mais importante para o exito de uma peça, sem que o publico repare em tal, e que, felizmente, já não estamos tão atrazados como o disse a grande actriz.

CONCEIÇÃO E SILVA.



Tirando medidas' (Chichê de BENOLIEI)

-UM-DIPLOMATA-PORTUGUEZ-
-NOS-MEADOS-DO-SECULO-XIX-



Miguel Martins d'Antas em 1847
(Lithographia de Lafosse, da collecção de 24.^{to} sr. conde d'Valença)
(O presente retrato do illustre diplomata, recentemente morto em Roma, aos 87 annos de idade, com a alta cathogoria de embaixador junto da Santa Sé, representa-o no inicio da sua carreira, que se prolongou por espaço de 67 annos)



Canção do Passado



A vida passa, mas nunca esquecem
Os sonhos ledos que houve em creança,
Nem as grinaldas que s'entretecem
Co'as flores rubras da nossa esperança.

A mocidade, doce alvorada!
Recorda sempre, qual luz divina,
Ridente barca toda enflorada,
Sulcando a vaga dimantina.

Já desfolhadas as illusões,
Pelas rajadas das tempestades,
Deixam raizes nos corações,
Raizes feitas só de saudades.

Se do passado só nos restar,
O desengano, que nos revolta,
Ainda o tempo que vae passar,
Traz a saudade... do que não volta!

E se as saudades se vão sumindo
Como os affectos que nos cercaram,
Outras mais fortes, que vão surgindo,
Trazem saudades... das que passaram.

Embora a sorte fosse bem rude,
Revedo a vida que está passada,
Vem a saudade da juventude,
Da luz da esp'rança, quasi apagada.

As mais das vezes nem se gosou
N'esse passado que nunca esquece,
Mas houve, ao menos, sol que passou,
Calôr na sombra que ainda aquece.

E o peito afficto, desalentado,
Quando suspiros de magoa solta,
Suspira ainda pelo Passado,
Que embora triste... nunca mais volta!

Lagrimas turvam o nosso olhar,
Encadeadas ao pensamento.
Soluça a alma. põe-se a chorar,
Triste e perdida no desalento.

Leva-se a vida n'esta anciedade,
Pensando sempre na que passou.
Mas chega a morte... e sem piedade,
N'um só suspiro... tudo acabou...

E até na hora que a prisão finda,
E a alma liberta pôde voar,
Ultimo pranto desliza ainda,
Chorando a vida que vae findar!

De angustia o peito quasi gelado,
No ai supremo, que ao morrer solta,
Sente a saudade do seu Passado,
Que embora triste... nunca mais volta!

LUTHGARDA DE CAIRES.

O ENTRUDDO DE 1910



Aspecto do Chiado na tarde de domingo
(Cliché de BRUNEL)



A tuna de Valladolid em Lisboa



1—Carro da família Vences na Avenida da Liberdade.
2—A galera do diabo.



1—Na Avenida da Liberdade em domingo gordo.
 2—Carro da família Ponte. 3—Tres manolas.
 (Clichés de BENOLIEL)



1—Na Avenida da Liberdade em segunda feira de entrudo
 2—Velhinhas de... 10 e 8 annos. 3—Um aspecto do Chiado em domingo gorlo. 4—Uma Tosca pequenina
 5—Uma gaiteira «mussée». 6—O carro da Casa das Bengalas



1—Cá está o *Seculo*. 2—Carro das andorinhas. 3—No baile infantil do Atheneu Commercial.
4—Dois *hidalgos*, o da corte e o da serra. 5—As crianças no baile infantil do Club Hespagnol.



CONSELHEIRO MIGUEL MARTINS D'ANTAS. — Falleceu em Roma, em 2 de fevereiro, o embaixador de Portugal junto ao Vaticano, que tinha oitenta e nove annos de idade e sessenta e sete de carreira diplomatica, sendo o decano dos diplomatas portuguezes.

Foi successivamente secretario de legação em Vienna, Madrid e Paris e ministro em Washington, Bruxellas, Madrid e Londres, onde estava por occasião do *ultimatum*. Passou depois para a legação de Paris e d'alli para a de Bruxellas, até que ha doze annos, por morte de Martens Ferrão, foi nomeado embaixador junto á Santa Sé.

A ex-imperatriz Eugenia, Leão XIII e Pio X sempre o distinguiram com a sua amizade. Foi ministro dos negocios estrangeiros em 1881, era par do reino, gran-cruz de Christo e commendador de S. Thiago.

O venerando ancião soffria ha muito, sendo cercado por todos dos respeitos devidos á sua posição e á sua avançada idade. O pontifice enviava varias vezes os cardeaes Rampolla e Merry del Val a visitarem-no durante a sua enfermidade, tendo-lhe mandado a sua benção pelo cardeal Vanutelli.

M.^{lle} MARIE-ANTOINETTE AUSSENAC. — A grande pianista portugueza mad.^elle Aussenac, que Lisboa tem applaudido nos ultimos dias, nasceu no Porto e fez os seus estudos no Conservatorio de Paris, indo mais tarde a Berlim, onde tomou lições com Vianna da Motta.

A par dos maiores concertistas de hoje, ella tem sido applaudida dos publicos de Paris, Londres, Berlim, Anvers, Brunswick e outras cidades.

A sua personalidade artistica impõe-se por um conjuncto de qualidades difficil de achar reunidas n'um só individuo: a graça mais elegante, a paixão intensa, a ternura, o sonho, e um brilhantismo e poder de execução absolutamente de primeira ordem.

Ainda ultimamente a insigne pianista mostrou todas as suas brilhantes qualidades no concerto que a Sociedade de Musica de Camara promoveu e que se realisou em 30 de janeiro no Salão da *Illustração Portugueza*, onde ouviu

os mais bem merecidos applausos, pela sua maravilhosa execução tão cheia de encanto artistico.



1—O conselheiro Miguel Martins d'Antas, embaixador de Portugal em Roma, fallecido em 2 de fevereiro.

2—Mademoiselle Marie Antoinette Aussenac



A escola de Bellas Artes de Munich é uma das principais da Europa e d'ella tem sahido artistas distinctissimos que honram esse soberbo centro artistico. De ha muito que a capital bavara occupa o primeiro lugar em materia d'arte na Allemannha tão dedicada ao bello. Os seus monumentos affirmam o grande culto que sempre teve pela arte e o muzeu escola Maximilianum e a Glyptotheca, onde está o muzeu d'esculptura, mostram o grande desenvolvimento dos pintores e esculptores da Baviera, sahidos da escola de Bellas Artes, cujas photographias publicamos.

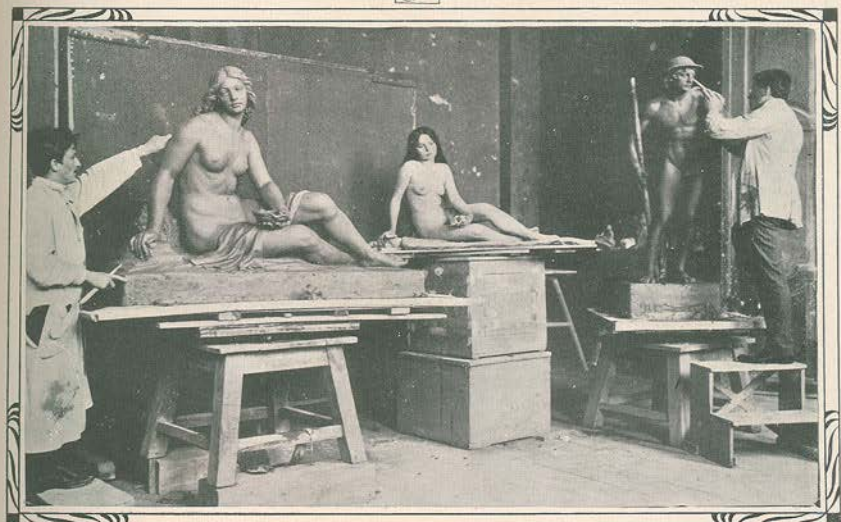
Essa cidade, que soube conservar todo o seu antigo caracter n'algumas ruas do Altsdatt, o velho burgo, pediu aos seus artistas, formados no largo ensino da escola das artes, que lhe construissem bairros novos nos quaes se revelasse todo o seu criterio artistico. Então ergueram-se os edificios modernos, que foram decorados e ornados d'estatuas, pelos discipulos da escola que é por si só um grandioso monumento, como a Casa da Camara e que honra a bella

1—O edificio da Academia Real de Bellas Artes de Munich.
2—A aula de esculptura do professor Hildebrand



cidade que o duque Henrique fundou, tirando o seu nome d'um velho retiro monastico existente nas vizinhanças e onde já a arte architectonica se affirmava gerando essa tradição que tão brilhantemente se tem continuado.

O ensino d'essa escola de Bellas Artes é tido como dos mais perfectos em toda a Europa o que se comprehende em virtude de Munich ser de ha muito um centro litterario e artistico de que muito se orgulha a Alemanha.



1—A aula de pintura do professor Carlos de Marx. 2—A aula de composição do professor Erwin Knoz
(Clichés DELIUS).

O ALGARVE DAS FADAS E DAS MOIRAS ENCANTADAS.

Quasi toda a gente em Lisboa sabe dizer que o Minho é encantador, mesmo quando não tem passado as portas de Bemfica ou os montes d'Almada. Mas quando se fala do Algarve tem um rir sarcástico e resumem o seu pensar na decorada phrase de «*a terra dos figos*». Nunca lá foram, nunca leram as raras paginas do *descrevem*, nunca ouviram falar d'elle seriamente. O leitor que o não conhece permita-me que, n'uma rápida evocação, eu o elucide um pouco.

De Lisboa partem cada dia dois comboios para o sul, afóra os rápidos, ás quintas e sabados. S. Marcos é a primeira estação no Algarve, em plena serra de sobreiros, medronheiros, alecrins bravios, aloen-



para o poente? Para a banda do nascente estão as maiores povoações, Faro, que é a capital, Villa Real, que tem o melhor porto, Loulé, que tem maior população — para a banda do poente está a maior natureza. E' entre Albufeira e Sagres que o Algarve tem mais accentuada a nota oriental, os mais particulares costumes, as mais vivas tradições, as superiores disposições de terreno, as melhores praias, os maiores figueiraes, a lingua que diz *grisen* e *parquete*, os homens de typo mourisco e as mulheres de olhos mais lindos... E' mais na parte occidental que se conhecem as historias de

dro, nuvens de rebanhos, casas de barro e estevas, homens com calças de pelle de cabra, mulheres em saiotos vermelhos. Em menos de duas horas o comboio galga Messines e Tunes, já em vasta planicie com amendoeiras, searas, figueiraes, vinhedos, hortas, quintas pesadas de fructa, alfarrobeiras perenemente verdes, immensas, com sombras de cathedraes. D'ali, em dois braços, a linha segue para nascente até Villa Real de Santo Antonio, e para poente até Portimão, roçando villas, cidades, praias, aldeias, logarejos, ladeada sempre por frondosas ramarias que a abrigam carinhosamente das chuvas, dos soes e dos ventos.

Seguir para o nascente? Seguir



1 — No extremo de Portugal: O porto de Villa Real de Santo Antonio e Ayamonte. 2 — Vista d'Albufeira (Cliché do SR. J. LAMPREIA GUSMÃO). 3 — A estrada d'Albufeira (Cliché do SR. J. LAMPREIA GUSMÃO)

fadas e de mouras encantadas.

«Algarve do morgão, dos
ratos escondidos,
«Das lendas, das visões, das
mouras encantadas!
«Dede as línguas do ar mur-
muram aos ouvidos,
«Com vocallos de sombo, as
historias de fadas...»

Lá toda a gente conhece fadas e mouras encantadas, em quaesquer castellos derruidos, em quaesquer casas antigas. Ninguem as vê, mas ouvem-nas á meia-noite, em pégadas leves, em leves voojos de sombras, pelos telhados, pelas torres, pelas vagas ameias, atirando suspiros ás estrellas que as miram invejosas... E as historias que os velhos contam começam sempre:—*«Era d'uma vez uma fada... Era d'uma vez uma moura encantada...»*

Quem visita Silves e vê os typos, os castellos, as igrejas, tem por força que lembrar-se da historia n'esses primeiros reinados portuguezes em que furações de mesnadas investiram contra aquelles muros monstros que cercavam a bella cidade defendida pela mourama feroz. Nos restos das torneiras dos castellos, das torres albarrans, como que ha ainda um vago deslisar de mouros em



albornozes brancos, desafiando mós de nazarenos vestidos de ferro.

O mesmo rio banha Silves e Portimão, a linda villa que possui o segundo porto do Algarve. Ali perto estão as Caldas de Monchique, no meio de mattas soberbas, cortadas de veozinhos d'agua a brotar a cada passo. Da estrada que corre das

Caldas á villa de Monchique poderiam vêr-se os soutos centenarios, as pereiras, as azinheiras, se o olhar de todos se não fixasse no serro da Foia, esse pequenino Everest, esguio e elegante, em cujo cimo a gente se julga a meio caminho da lua, e d'onde se avistam Silves, serras, praias, vargens, Portimão, Ferragudo, Lagos com a sua bahia, e, no ponto remoto do horizonte azul, esquadrones d'espumas quebrando-se nas rochas phantasticas do cabo de Sagres.

Figos, alfarrobas e amendoas são os tres frutos mais caracteristicos da provincia. As alfarrobas dão-se aos porcos e aos animais de carga, e exportam-se em grande quantidade:



1—A praia d'Albufeira. 2—Trabalhadores do campo



estrangeiros, ficando cada casa com uns punhados para fazer um doce a que chamam nozado, e que é muito duro e meloso.

Os campos do Algarve são sempre verdes, sempre lindos, sempre orientaes. Em todo o anno as alfarrubeiras são a nota viva, alacre, ardente. No verão, quando o sol abraza, estão as figueiras inteiramente cobertas de folhas, que só no outomno caem sobre as searas despontar, as ervilhas a criar rama, as relvas a crescer. No inverno os campos do Algarve distinguem-se por essa garrida phantasia da natureza que criou as amendoiras floridas — entre figueiras nús, alinhados, frios, — como lindas cabelleiras empoadas á franceza. Na primavera é o pleno vigor das terras com os grandes searaes, papoilas, lyrios, malmequeres, laranjeas arredondados, curvos, chorando doces, grandes bagas d'oiro nas caldeiras das hortas.

Nunca ha muito frio, nunca ha muito calor. No inverno, a cadeia de montanhas ao norte livra-a dos ventos frios; no verão está o mar a refrescar a volúpia pesada do sol.

E falam pouco, os algarvios! A fama

raramente se vê lá uma pessoa comel-as. Os figos sim, que constituem quasi o unico alimento das classes pobres, que no verão os comem verdes, e depois seccos ou torrados. As amendoas são sempre pagas por altos preços e por isso as passam logo aos



- 1—O cruzeiro de Portugal, em Silves.
- 2—As Caldas de Monchique.
- 3—A janela da Saudade, na serrã de Monchique.

diz que são contínuos palradores, mas não, não é assim. São geralmente calados, contemplativos, visionarios. Mesmo nas grandes companhas, no mar ou nos cam-

pos, ha momentos em que ninguém fala, de olhos vagos, meditati- vos.

Acreditam na vin- da de D. Sebastião, na teia de uma fa- da que pode prendel-os... As fadas e as moiras encantadas substituem as bruxas, os papões, acarretam- lhes a felicidade ou a desgraça, escrevem- lhes a sina á nascen- ça, dão-lhes a rique- za, a morte, a belle- za...

Se as mulheres são bonitas? Oh, meu leitor, não sei responder-lhe bem! Olhos lindos tem todas, olhos pardos, verdes, negros, grandes, sonhadores, com qualquer coisa do sol fais- cante que os assombrou na primeira visão da vida. Possuem todos os encantos que vão até á bondade e até á graça. E ricos ou pobres,



filhas ou es- posas ou mães, constituem sempre firmes la- ços de família, são sempre um nobre amparo do lar. Nun- ca dispensam o len- ço atado á cabeça, no campo põem ain- da um largo cha- péu d'empreita ou de feltro, e cantam constantemente modinhas vagas — ba- ladas tristes dos so- nhos do mar, des- garradas luar entas dos rouxinoes, ro-

manzas mouriscas que o vento já ouviu ha se- culos.

O homem pobre, da côr da terra ou da côr das areias, sadio e forte, cinta vermelha ou preta, gorro de lã ou chapéu de borla ao lado, amando a terra e o mar onde labuta, tem como assiduo sustento o pão asno e o figo torrado



1—Figueiras no verão. 2—A ponte de Sagres. 3—Mar do Algarve.
(Clichés do sr. JOSÉ LAMPREIA GURMÃO)



Um aspecto da serra de Monchique

— e peixe salgado, quando o mar dá muito. Raras vezes emigra, porque quer morrer onde nasceu, e só aquillo acha bom e bello.

Para um passeio no Algarve são talvez preferiveis os mezes d'agosto e setembro, porque as praias estão muito povoadas — Albufeira e Armação de Pera, principalmente —

as lindas praias que se seguem quasi sem interrupção em toda a parte sul do paiz do sol.

Na ultima epocha balnear foi Armação de Pera que bateu *record* de todos os tempos, em todas as praias do Algarve. As diversões tinham programma para todos os dias, e realisavam-se sempre com um exito nunca visto, para que principalmente concorriam,



O cabo de S. Vicente



A Ponte do Lagiado, na serra do Monchique.

a numerosa colonia de Faro e o elegantissimo grupo de senhoras de Silves, que, verdadeiramente, foi a alma de tudo quanto se fez.

Que se não diga mal do que se não conhece.

Quem fór ao Algarve não poderá gabar-se de que encontre grandes monumentos da civilisação, mas sim a soberba natureza, o melhor clima — o paiz das boas fadas, uma imagem do céu cá na terra...

JOSÉ COCHADO TORRES.